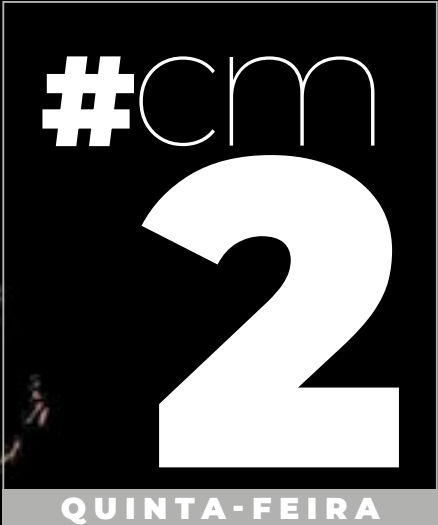




SÃO PAULO VAI VIRAR TERRA MEDIA

Em entrevista exclusiva ao Correio da Manhã, o diretor executivo da Omelete Company, Thiago Romariz, falou sobre a Fellowship Forever, celebração dos 25 anos de “O Senhor dos Anéis”, que acontecerá durante a CCXP26. A presença do ator Elijah Wood, o Frodo da saga, é apenas a primeira de uma série de convidados para a edição. Página 2



Divulgação

Clássico da cultura pop, a saga 'Senhor dos Anéis' completa 25 anos

Anéis em jubileu

Evento realizado dentro da CCXP26 contará com nomes da saga dirigida por Peter Jackson

PEDRO SOBREIRO

Entre 3 e 6 de dezembro, o São Paulo Expo vai receber a CCXP26, o tradicional evento de cultura pop que transcendeu as fronteiras brasileiras e se tornou a maior convenção geek do mundo. Em entrevista exclusiva ao Correio da Manhã, o diretor executivo da Omelete Company, Thiago Romariz, falou sobre a edição desse ano do evento, que contará com uma “feira dentro da feira”: a “Fellowship Forever”, uma celebração que marca os 25 anos de lançamento do filme ‘O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel’, que contará com painéis especiais e atrações exclusivas durante o evento.

E o primeiro membro confirmado foi ninguém menos que o próprio Frodo Bolseiro, Elijah Wood. Protagonista da franquia, o ator era um sonho antigo dos fãs, e agora estará presente em São Paulo para participar de painéis, além de posar para fotos e autógrafos.

Ao Correio da Manhã, Romariz falou sobre essa festividade para a franquia que ele definiu como “pai e mãe da fantasia” na cultura pop. “O que posso dizer é que vamos ter novidades vindo aí. Não posso dizer se serão mais dois, cinco ou 25 nomes, mas posso confirmar que nossa cele-



Divulgação

bração não para no Elijah Wood. Teremos novidades nas próximas semanas, porque a gente vai fazer algo realmente grandioso, que seja tão importante quanto é a franquia para os fãs de ‘O Senhor dos Anéis’, sabe? Eu, como um fã absurdo de fantasia, acho a saga uma das melhores trilogias que o cinema já produziu, senão a melhor. Ela é praticamente pai e mãe de fantasia no geral, assim, na literatura e no cinema. E eu acho que merece uma celebração à altura”, comentou.

Condado reunido

De fato, pouco tempo depois da entrevista, a CCXP confirmou a vinda do ator britânico

Dominic Monaghan, o Merry da saga, dando início a uma reunião de Hobbits em São Paulo.

Ele se junta a Elijah Wood, entre os dias 3 e 4 de dezembro, para o Fellowship Forever, também ficando disponível para sessões de fotos e autógrafos em ambas as datas. “A gente ainda tem novos anúncios para fazer, e espera que toda a comunidade esteja próxima da gente até o evento. Mais do que celebrar o passado, também queremos ‘apresentar’ Senhor dos Anéis, já que vai começar uma nova fase da saga nos cinemas, com os novos filmes e tudo mais. Nossa meta é conseguir apresentar para um novo público junto com essa celebração

que a gente vai fazer”, explicou Romariz.

Nova tendência?

Na CCXP25, o “evento dentro do evento” foi em homenagem aos 20 anos de “Supernatural”, série de aventura e terror que conquistou milhões de fãs mundo afora. Questionado se esse formato de uma convenção especial dentro da CCXP virará uma nova tendência, Romariz disse que a ideia é não se limitar a datas comemorativas.

“A ideia é que a gente mantenha, tá? Não só porque a celebração de ‘Supernatural’ deu certo, assim como a de ‘Senhor dos Anéis’ vem se mostrando

“A CCXP é um lugar de encontro de várias comunidades. Existem várias CCXPs dentro da própria CCXP”

**THIAGO ROMARIZ,
DIRETOR EXECUTIVO DA
OMELETE COMPANY**

um sucesso na venda dos ingressos e na procura, mas também porque isso corrobora a ideia de que a CCXP é um lugar de encontro de várias comunidades. Existem várias CCXPs dentro da própria CCXP. Então, quando a gente criou a celebração, foi uma ideia para criar uma experiência muito específica e ainda melhor para aquele grupo de fãs em um aniversário de alguma franquia ou coisa muito especial. Calhou de serem esses dois aniversários, né? Mas pode ser que no ano que vem não seja uma celebração. A ideia é que a gente traga cada vez mais oportunidades especiais para determinadas comunidades dentro da CCXP, assim como foi ‘Supernatural’ e assim como tá sendo agora com ‘O Senhor dos Anéis’”, afirmou Thiago.

Ele explicou que isso é uma evolução do evento para priorizar a experiência do fã. “Isso nos parece uma evolução natural do evento, né? Como você consegue materializar essas várias CCXP’s para além do que a gente vende no discurso? Porque cada pessoa vive uma CCXP diferente. E a gente quer materializar isso de verdade para uma comunidade ter algo especial em cada ano”, concluiu Thiago Romariz.

Os ingressos para a CCXP já estão à venda no site mundo-ticket.com/events/ccxp26.



Divulgação/ CCXP

Elijah Wood e Dominic Monaghan são os primeiros confirmados da convenção, que terá mais nomes anunciados em breve

ENTREVISTA | SUSANNA LIRA

CINEASTA E PRODUTORA

‘Gonzaguinha abriu mão de muita coisa para poder seguir a coerência de sua ideologia’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Ficou sob a responsabilidade da mais prolífica documentarista do país, Susanna Lira, a tarefa de dar um desfecho bonito para a maratona competitiva nacional de Gramado em 2026, na noite desta quinta-feira. “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” será o último longa da (riquíssima) safra em concurso deste festival, com sessão às 20h, na seara da não ficção. A diretora de “Torre das Donzelas” (2018) faz um inventário dos feitos musicais, poéticos e políticos de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991), 14 anos depois de ele ter inspirado um êxito de bilheteria de Breno Silveira (1964-2022), onde foi vivido por Júlio Andrade.

Agora, além de uma dinâmica de arquivos, Susanna conta com o ator André Dale para ficcionalizar momentos emblemáticos da vida de seu personagem central, incluindo entrevistas nas quais ele rasga o verbo. Nesta conversa ao Correio da Manhã, a diretora explica o simbolismo deste regresso à Serra Gaúcha, agora falando de um mito do cancionário de nossa MPB.



Há um ano, havia um curta seu em Gramado, “Requiem para Moise”, e agora você retorna com “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade”, o longa mais esperado desta reta final do emento. O que este festival te traz de mais possante e o que significa retornar pelas vias documentais, sua trilha mais recorrente? A produção documental toma que rumos aqui em Gramado?

Susanna Lira - Há um ano eu não consegui ir, mas, no ano anterior, estive em Gramado com “Socorro”, um filme sobre uma quilombola ameaçada de morte. No ano passado, fomos com “Requiem para Moise” e, agora, estamos com “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade”. É a primeira vez que tenho um longa no Festival de Gramado, o que para mim é muito importante. Já tive três curtas selecionados e estou muito feliz que esse primeiro longa seja justamente esse filme. Acho que “Gonzaguinha” é talvez um dos filmes de resistência mais fortes que fiz até agora, porque foram muitos os obstáculos para realizá-lo, começando pelo orçamento e chegando ao desafio da linguagem. Teremos o André Dale interpretando o Gonzaguinha, e pegamos duas grandes entrevistas que o próprio Gonzaguinha concedeu e as repro-

duzimos como se fossem entrevistas do “Pasquim”. Acho muito importante que tenhamos quatro filmes documentais selecionados. Sinto-me muito orgulhosa de estar entre esses quatro e muito emocionada de estar em Gramado com um filme tão politizado e tão importante como o do Gonzaguinha.

O que Gonzaguinha simboliza para a sua geração?

Gonzaguinha abriu mão de muita coisa para poder seguir a coerência de sua ideologia. O filme que estou levando para Gramado faz um recorte político da obra dele. Ele teve mais de 52 obras censuradas, e a gente fala sobre isso. Não é uma biografia tradicional. É um filme que fala muito mais sobre o que ele pensava do que, de fato, sobre sua trajetória e toda a cronologia de seu trabalho. Acho que o filme também mostra como estamos distantes de artistas como Gonzaguinha, neste mundo de likes e engajamentos. Ele foi um cara muito corajoso ao enfrentar um sistema muito pesado, que infelizmente continua existindo. Essa questão da autoralidade dele me emociona demais.

Como se deu o seu contato com a música dele?

Meu primeiro contato com a música do Gonzaguinha foi ainda criança. Minha mãe comprou um disco chamado “Mel”, da Maria Be-



Susanna no set da série documental ‘Marília Mendonça Sentimento Louco’, da Prime Video

“Aprendi muito sobre ele e sobre o Brasil com este meu novo filme. Há coisas que se repetem, que ele cantava como forma de denúncia”

thânia, que tinha “Grito de Alerta”. Foi a primeira música que aprendi a decorar e, toda vez que vou a um karaokê, eu canto essa canção, porque ela é uma catarse.

Que canções de seu repertório mais mexem com o seu imaginário?

Além de “Grito de Alerta”, que adoro, ao longo dos anos, outras músicas do Gonzaguinha foram me cativando, especialmente algumas que não são as mais famosas, como “Comportamento Geral”, “Cavaleiro Solitário” e “Pequena Memória de um Povo Sem Memória”, que dizem muito sobre o que ele pensava do mundo. “Grito de Alerta” é quase um hino para mim, o nosso “I Will Survive”. Também tem “Não Dá Mais Pra Segurar (Explode Co-

ração)”. São muitas canções que mexem com o meu imaginário.

O que o documentário te mostra de mais rico sobre o Brasil?

A diversidade de temas e assuntos de que ainda precisamos tratar. Eu tenho feito pelo menos um projeto de ficção por ano, mas o documentário é o meu lugar. O documentário é a minha residência fixa, como costume dizer. Eu aprendo muito com o documentário, sobre as pessoas, sobre os brasileiros e sobre o país. Ele me abre mundos, abre horizontes que eu nem imaginava. Mesmo sabendo que conhecia bastante o Gonzaguinha pela minha formação, aprendi muito sobre ele e sobre o Brasil com este meu novo filme. Há coisas que se repetem, que

ele cantava como forma de denúncia. Acho que o maior valor desse filme é justamente essa conexão com o presente. O Gonzaguinha não é do passado, ele é de agora.

O que esperar das suas próximas incursões na ficção?

Vou lançar “Marília Mendonça” em 16 de outubro, no Prime Video. Devemos ter uma exibição no Festival do Rio do primeiro episódio, numa parceria do festival com a Amazon. Tenho também outro documentário que estará no Festival do Rio, mas acho que não posso falar enquanto eles não anunciarem. A ficção “Apenas Três Meninas” estreia no ano que vem, e há várias outras coisas a caminho, ainda sem datas definidas. Estou muito animada porque vou filmar minha primeira ficção fora do Rio de Janeiro. Será na Paraíba: “Comadrio”. É um filme que nasceu de uma oficina que dou lá. A roteirista apareceu com um projeto, trabalhei com ela no roteiro e esse será o primeiro script dela filmado. Estou muito emocionada com isso. Tenho oscilado entre filmes que as pessoas me convidam para fazer e projetos mais autorais meus.

Grenal faz gol no Palácio dos Festivais

Em sua reta final, Gramado exhibe nesta quinta longa de matriz futebolística de Tatiana Sager e Belisario Franca sobre a histórica rivalidade entre o Grêmio e o Internacional



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nos 45 minutos de seu segundo tempo, o Festival de Gramado vai desviar o foco da partida regulamentar pelo Kikito para se concentrar num exercício memorialista futebolístico sobre a rivalidade mais folclórica do Rio Grande do Sul, pelo menos no âmbito do esporte: o Grêmio vs. o Internacional. Nesta quinta-feira, às 16h, o auditório do Hotel Serra Azul vai virar uma sala de exibição para projetar, com entrada franca, “Grenal: o Maior Clássico das Américas”. Esse doc revisita mais de um século de confrontos entre os dois clubes, numa narrativa dirigida por Belisario Franca e Tatiana Sager, com direção adicional de Renato Dornelles e roteiro de Leo Garcia.

Produzido pela Giros Filmes em parceria com Panda Filmes, Sportv e RBS TV, o longa chega a Gramado antes de sua estreia nos cinemas. A sessão reunirá profissionais do futebol que participaram



O doc. ‘Grenal, O Maior Clássico das Américas’ terá sessão em Gramado nesta quinta

do filme, divididos entre os tapetes vermelho e azul, em uma provocação cromática à rivalidade.

Em depoimento via whatsapp ao Correio da Manhã, Belisario (um dos mais respeitados artesões do documentário no país, consagrado com “Menino 23”) explica: “O Grenal vai muito além de uma rivalidade entre dois clubes, entre as duas torcidas. A gente pode afirmar que o Grenal também ajuda a definir o que é o ser gaúcho. Seja no que o gaúcho tem de determinado, lutador, competitivo, mas também irreverente, provocador e até mes-

mo solidário. É um clássico de futebol que vai muito além do campo de jogo: mobiliza as famílias, a imprensa e as torcidas antes, durante e depois do jogo. Atravessa gerações. Aparentemente isso seria um motivo de divisão, com cada torcida defendendo seu próprio clube. Mas o clássico é tão maior que a escolha individual passa a ser um traço de união e singularidade para os gaúchos”, conta o realizador.

Para Tatiana Sager, o desafio foi capturar justamente esse sentimento que atravessa gerações. “Foi uma honra dividir a direção

com o Belisário Franca, pois este documentário não é apenas sobre futebol, mas sobre a identidade de um Estado dividido por duas cores apaixonadas”, afirma a diretora. As gravações ocorreram em 2023 e 2024, e o filme tem ainda entre seus produtores executivos Maurício Magalhães. Tatiana e Renato Dornelles serão homenageados nesta edição do festival com o Prêmio Iecine Destaque.

“A chave para esse longa foi conseguir trazer a radical vivência de assistir a um jogo de futebol ao vivo, no calor da torcida, e em

especial um Grenal. Grenal é rock & roll”, diz Belisario. A nossa escolha foi colocar a torcida embalando o filme em seus vários momentos: nos estádios, nas suas casas e junto com os ídolos, jogadores e técnicos, que se transformam também em torcida. É a torcida que dita o ritmo do filme, com suas memórias, suas vivências durante os clássicos, na vitória ou na derrota. Assistir ao longa é entrar no estádio para viver um Grenal com tudo de pulsante que esse clássico único traz em cada um dos seus embates.”

‘Pão doce’, a iguaria neorrealista em pílula

Francisco Gaspar marca seu nome na Serra Gaúcha com atuação soberba no curta sobre um padeiro

Faltam três produções para encerrar a competição de curtas-metragens de Gramado em 2026, com projeções agendadas para a noite desta quinta-feira: “Revelação”, de Gabriela I. Gaia; “Mulher Papaya”, de Camila Tarifa; e “Maior Que A Casa Toda”, de Fabiano Barros e Neto Cavalcanti.

De tudo o que se viu na zona dedicada a pílulas de Brasil, nenhum título exibido comoveu mais a cidade do que “Pão Doce”, de Wesley

Gabriel Silva Santos. O desempenho de Francisco Gaspar na pele de um padeiro que encara os abusos laborais de uma jornada sem um pinga de humanidade levou o festival por uma trilha de neorrealismo (tardio, mas poético).

Se nos longas-metragens, o trabalho de José Loreto em “Chorão – Só Os Loucos Sabem”, exibido na segunda, segue imbatível, nos curtas, Gaspar marcou seu nome e deixou seu talento GG se impor.



Divulgação

Atuação comovente de Francisco Gaspar amplia as potências de ‘Pão Doce’, o achado de Gramado no formato Brasil em pílula

Em Guarulhos, seu personagem, Fernando, tenta preservar o máximo de tempo para poder curtir o sexto aniversário da sua filha. Forçado a levar Sophia para a padaria, por não ter com quem deixá-la, ele precisa navegar pelo espaço estreito entre a sobrevivência profissional e o zelo paterno. A realização de Wesley Gabriel é primorosa, e evoca clássicos de SP nas telas como “O Grande Momento” (1958), de Roberto Santos. (R. F.)

ARTIGO

PAULA MARTINEZ MELLO

Jornalista e secretária-executiva do CEDIM - Conselho Estadual dos Direitos da Mulher

Indo embora com vontade de ficar

Existem experiências que se prolongam para além do momento que acontecem. Foi assim que deixei Gramado: menos com a sensação de ter participado de um festival de cinema e mais com a impressão de ter atravessado, durante dois dias, um espaço de debates sobre aquilo que uma sociedade escolhe mostrar, esconder, nomear ou silenciar.

Só pude aproveitar dois dias desse festival imenso. É pouco, mas foram suficientes para perceber que o Festival de Gramado é, em si, um primor de organização e acolhimento.

Talentos, artistas, profissionais do cinema e público compartilham uma cidade que se transforma em território de celebração do cinema, que - junto ao entretenimento - reorganiza o nosso olhar sobre a realidade.

Na sexta-feira, assisti à pré-estreia de “Antártida”, que chega às salas de cinema em outubro. O filme utiliza elementos do thriller, com ação, suspense e referências ao que conhecemos do cinema internacional, mas seu principal impacto está em outro lugar: na discussão sobre a violência contra as mulheres.

O roteiro de Cláudia Jovín encontra uma maneira atraente e eficiente de inserir essa discussão dentro da estrutura de suspense, sem transformar o filme em uma tese. A direção de Bruno Safadi acompanha esse caminho, mantendo a tensão própria do gênero enquanto deixa que a questão central ganhe força, organicamente, ao longo da narrativa.

Em determinado momento, a personagem Rose, interpretada por Marina Sena, fala com Inês, vivida por Marina Ruy Barbosa, sobre a necessidade de se despojar de características femininas para sobreviver em um mundo masculino. A conversa ultrapassa a situação específica do filme. Ela sintetiza uma experiência que atravessa diferentes sociedades: a necessidade, tantas vezes imposta às mulheres, de adaptar comportamento, aparência, linguagem e até a própria identidade para ocupar espaços historicamente dominados pelos homens.

A violência contra a mulher não começa no feminicídio. Existe uma cadeia de violências anteriores, muitas vezes naturalizadas, que atravessa o ambiente de trabalho, as relações sociais, a política, a família e a vida cotidiana e nomear



Edison Vara/Ag. Pressphoto

Claudia Jovin fala ao público após a exibição de ‘Antártida’, projeto que idealizou e escreveu, para Gramado

A violência contra a mulher não começa no feminicídio. Existe uma cadeia de violências anteriores, muitas vezes naturalizadas

essas violências é uma forma de torná-las visíveis.

E aí, chegou “Feito Pipa”, de Allan Deberton, rasgando o céu de Gramado. A obra se debruça sobre questões de gênero e sexualidade na infância e, ao mesmo tempo, aproxima temas como velhice, Alzheimer e o lugar das pessoas idosas na sociedade. O filme chegou em Gramado com uma trajetória significativa, depois de receber o Urso de Cristal e o Grande Prêmio do Júri Internacio-

nal na mostra Generation Kplus do Festival de Berlim.

Deberton é especialmente cuidadoso ao tratar de temas delicados sem transformar os personagens em meras representações de uma questão social. Há delicadeza, mas também firmeza na maneira como o filme acompanha a infância, os afetos e os conflitos familiares.

Há uma escolha importante na composição do elenco de “Feito Pipa”: grande parte do elenco é composta de atores e atrizes negras, mas a questão racial não aparece focada somente sobre o racismo. A própria presença desses talentos em posições de protagonismo produz outra possibilidade de representação. Pessoas negras não precisam estar em cena apenas para representar a violência racial. Podem também protagonizar histórias sobre afeto, infância, família, envelhecimento, doença e identidade.

Ainda sobre “Feito Pipa”, o destaque vai para o privilégio que tive de acompanhar uma entrevista com a absoluta Teca Pereira — tão doce e, ao mesmo tempo, tão forte. Teca encarna a Dilma, uma mulher que não nos deixa esquecer que a vida é para ser vivida com brilho, coragem e, de preferência, muita purpura.

A programação também trouxe o trabalho de Sabrina Fidalgo e Yvan Rodick, com o documentário “O Projeto”,

apontando a câmera de maneira contundente para o racismo pelo mundo, mostrando com crueza a construção histórica da desumanização de determinados grupos.

E aí, infelizmente, a minha carruagem virou abóbora... Tive que me despedir do Festival de Gramado com muita dor no coração. Mas a vida é corrida, e a gente aproveita o que pode — e eu curti demais!

Na volta para o aeroporto, dividindo a van com Renan Monteiro e Adélio Lima, atores de “Antártida”, a conversa sobre o filme foi, naturalmente, muito além dele. Fomos parar justamente nas questões sociais que a história provoca. Ainda bem!

O cinema é isso também: uma imagem que fica na cabeça, uma cena que volta depois, uma conversa que surge no caminho de volta ou uma pergunta para a qual ainda não temos resposta.

E foi assim que deixei Gramado: com a mala provavelmente mais pesada, o coração apertado por ter ido embora antes da hora, mas a cabeça cheia de filmes, conversas, encontros e perguntas. E com a certeza de que o Festival de Gramado transmite, para quem participa, todo esse amor com que é realizado a cada ano.

De qualquer modo, esse também é um bom jeito de terminar um festival: indo embora com vontade de ficar.

José de Aguiar nasceu por volta de 1813 em Alhandra, na Paraíba — filho de indígena com negro, agricultor, rezador, mestre da Jurema. Ao morrer, dizem que centenário, transmutou-se em entidade e ganhou o mundo espiritual como Zé Pelintra, Príncipe da Jurema, chefe da falange dos malandros. Protetor dos pobres, dos boêmios, dos desvalidos. “Advogado dos pobres”, no vocabulário dos terreiros. Mas o racismo estrutural que nos assola reduziu tudo isso a uma caricatura e a entidade foi associada à figura do pilantra, marginal e perigoso.

Foi contra esse apagamento que Ramon Cazuza, diretor da Companhia de Teatro Nós Que Tá — grupo independente há 12 anos, nascido na Zona Oeste e hoje expandido para outras regiões cariocas — decidiu ocupar o palco com “Zé”. “A criação do espetáculo não nasce por mero recurso estético ou oportunidade cênica. Surge de uma urgência visceral em confrontar o preconceito histórico e resgatar a verdade de uma das entidades mais populares, emblemáticas e injustamente estigmatizadas da cultura afro-brasileira”, explica o encenador.

Dramática e ritualística, a montagem mergulha nas origens, na jornada e no encantamento dessa figura mitológica. A narrativa costura a vivência do homem comum à transmutação na entidade espiritual, explorando a linha tênue entre a sobrevivência nas ruas e a caridade divina.

O cenário se divide entre o sagrado e o boêmio, com referências à religiosidade popular, ao Catimbó, à Jurema e à Lapa carioca — territórios que, na vida real, Zé Pelintra percorreu como ninguém. Afinal, foi nas macumbas cariocas que o mestre juremeiro vindo do Nordeste ganhou terno branco, chapéu panamá e cigarro, tornando-se o rei da malandragem das ruas e madrugadas.

A trajetória de Cazuza preparou o terreno para esse gesto. O trabalho anterior, “Maria no Fio da Navalha”, criado a partir da história de sua própria mãe, Maria José, e inspirado na falange de Maria Navalha — considerada a primeira Pomba-Gira brasileira, carioca do bairro da Gamboa —, obteve êxito estrondoso. O universo da Jurema e da Umbanda, naturalmente, pediu a complementariedade. “Essa caminhada evoluiu naturalmente para o consagrado espetáculo ‘Zé com Navalha’, onde o samba, a macumba e o teatro se fundem em uma celebração viva”, conta o diretor.

No palco, a história acompanha a trajetória de Zé desde a miséria no Nordeste até a capital, onde é acolhido por Clementina no casarão. Sob seus ensinamentos, aprende os segredos da noite, do jogo, do respeito às mulheres e da verdadeira malandragem — assimilando

que “amor é só de mãe e de Jesus de Nazaré”. O duplo cênico sustenta a arquitetura do espetáculo: Zé das Almas encarna a cura, a fé e a sabedoria ancestral; Zé do Morro traz a vivência das ruas, o preconceito e o samba. Juntos, dramatizam os dilemas do protagonista perante a boemia e a navalha.

As interações com figuras marcantes como Pretinha, a apaixonada, e a Cigana revelam as contradi-

ções do herói boêmio: o profundo respeito pelo sagrado feminino e a fatalidade de um destino traçado pelo amor e pela rua. Embalada por batuques, pontos cantados e versos marcantes, a obra exalta a cultura popular, a resistência periférica e a transformação da dor em poesia e proteção.

Para Cazuza, ocupar grandes teatros com Zé Pelintra é um ato de reparação histórica. É tirar da

marginalidade a memória e o valor de quem sempre acolheu os marginalizados — o “advogado dos pobres” que, nas sarjetas e nos terreiros, nunca precisou de atestado de respeitabilidade. Não se trata de folclorizar ou romantizar uma entidade. Trata-se de restituir densidade a uma figura que traduz, a seu modo, os desafios dos desvalidos de toda sorte, sobretudo os homens negros que,

para sobreviver sem dinheiro nem oportunidades, tiveram de dar seu “jeito”.

SERVIÇO

ZÉ

Teatro Ruth de Souza (Rua Murinho Nobre, 169, Santa Teresa)

Até 23/8, sábado e domingo (17h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



E a sarjeta sobe ao palco

Companhia Nós Que Tá encena ‘Zé’, espetáculo que resgata a dignidade de uma das entidades mais estigmatizadas da cultura afro-brasileira

A montagem derruba o hitórico de tabu e preconceito relacionados à figura de Zé Pelintra

AFFONSO NUNES

O samba atravessa os corações de Moacyr Luz e Gabriel Moura. Afinal, o verbo “atravessar” dá nome ao samba que abre o disco “Moa + Moura”, lançado em 23 de abril, a de celebração a São Jorge e aniversário de nascimento de Pixinguinha, em 1897.

O álbum, com oito faixas gravadas ao vivo no Estúdio Central, no Rio, foi concebido no formato mais despojado que se pode imaginar — vozes, violões e a percussão inventiva de Rodrigo Pirituba, que chega a extrair sons de um toca-fitas. Produzido pela dupla com Rico Manzano, o disco alinha composições inéditas e recriações de obras dos dois, sempre no balanço da brasilidade.

Há samba, xote, canções que resistem a rótulos — “Brasil”, “Chamego”, “Chora Brasil”, “Luaê”, “Mariazinha”, “Banzo” —, tudo costurado pela cadência de duas canetas que aprenderam o ofício em escolas diferentes mas vizinhas. É desse material que nasce o show que estreia nesta quinta-feira (20), às 20h, no Blue Note Rio.

Moacyr Luz é o homem que há 20 anos sustenta o Samba do Trabalhador, roda criada em 2005 e hoje integrante do calendário oficial da cidade. A comemoração das duas décadas rendeu, em 2025, um álbum pela Biscoito Fino, com 16 faixas, sendo 12 de sua autoria em parceria. Mais de cem composições suas foram gravadas por intérpretes como Zeca Pagodinho, Maria Bethânia e Milton Nascimento — nomes que dizem tudo sobre o lugar onde Moacyr escreve. Gabriel Moura, por sua vez, é o cantor e compositor que em 1997 fundou a Farofa Carioca ao lado de Seu Jorge, lançando no ano seguinte “Moro no Brasil” pela Polygram e participando do Free Jazz Festival como revelação. Sua assinatura está em sucessos



Moa e Gabriel Moura assinam um exercício de escuta, troca e síntese criativa

Canetas unidas no palco

Moacyr Luz e Gabriel Moura mostram canções de álbum lançado este ano no Blue Note Rio

como “Burguesinha” e “Mina do Condomínio”, parcerias com Seu Jorge que embalarão o Brasil e firmaram o nome do sobrinho do

maestro Paulo Moura como um dos hitmakers mais discretos da MPB. Produtor musical e diretor musical de teatro, Gabriel Moura

traz para o encontro um trânsito entre o samba e outras linguagens que enriquece a parceria. Não por acaso, as composições

do disco transitam entre o samba de raiz e o xote, entre a crônica de rua e a canção de sala, num movimento que os dois compositores conhecem de cor.

“O ‘Moa + Moura’ é muito simbólico porque fala justamente desse somatório: das nossas histórias, das experiências, das canções que a gente escreve e também entrega para outros intérpretes”, afirma Gabriel Moura. E Moacyr completa: “Esse disco nasceu muito da liberdade que a gente teve em estúdio. A ideia era justamente voltar para o essencial: dois violões, sem recurso, sem efeito, só o som natural do instrumento e a verdade das canções”.

SERVIÇO

MOACYR LUZ & GABRIEL MOURA

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1.910, Copacabana)

20/8, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

A viola caipira de Paulo Freire no BNDES

O violeiro Paulo Freire leva o solo “Viola Rosa e Sertão” ao projeto gratuito Quintas no BNDES nesta quinta (20), às 19h. A apresentação nasceu da experiência do artista em Uruçuia (MG), região que inspirou João Guimarães Rosa em “Grande Sertão: Veredas”. No palco, Paulo explora a viola caipira com cocos, canções sertanejas e tradições como Folias de Reis e a devoção a São Gonçalo.



Divulgação

Macaco Branco e os grandes sambas-enredo

O projeto Roda de Enredo, idealizado por Macaco Branco, mestre de bateria da Vila Isabel, retorna ao Teatro Rival Petrobras nesta quinta (20), às 19h30. Em formato de roda de samba, cantores e músicos relembram sambas-enredo antológicos do carnaval carioca e compartilham histórias do universo das escolas de samba. A edição chega em meio à expectativa pelo Carnaval 2027 e traz convidados especiais.



Bia Mandarin/Divulgação

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Paulo Munia/Riotur

Desfilando na orla de Ipanema, o *Simpatia É Quase Amor* é uma instituição do carnaval de rua carioca

Uma folia com cara de reunião de negócios

No próximo dia 24 de agosto, a Riotur abre as inscrições para os blocos que quiserem desfilar no carnaval de 2027. O prazo vai até 24 de setembro. Em 2026 foram cerca de 460 desfiles liberados e seis milhões de foliões na rua. E nada disso funcionaria no imprevisto: cidade grande precisa de ambulância, de banheiro químico, de guarda no cruzamento. Organizar também é cuidar.

Mas ficou girando na minha cabeça uma frase do presidente da Riotur. Ele disse que o objetivo é uma festa mais organizada e estruturada, “preservando a espontaneidade”. Li três vezes. Preservar espontaneidade com formulário e cronograma é como engarrafar vento.

Esta cidade já brincou de tantos jeitos. Teve entrudo, rancho, cordão, Zé Pereira, curso de automóvel na Beira-Mar. Teve banho de mar à fantasia, gente entrando na água vestida de pierrô. Quase tudo isso morreu.

E o que sobreviveu quase sem-

pre sobreviveu contra alguma coisa. Em 1943, no Engenho de Dentro, nasceu o Chave de Ouro. Os foliões presos durante a folia só eram soltos na quarta-feira de cinzas, quando qualquer desfile estava proibido. Saíam da cadeia e iam para a rua fechar o carnaval com chave de ouro. Foi assim por décadas, apanhando. Nos anos 1970 a polícia liberou o bloco e passou a proteger o desfile. Há quem diga que foi aí que ele perdeu a graça.

A Banda de Ipanema saiu em 1965, criada por gente que depois faria O Pasquim, no primeiro ano da ditadura. O Suvaco do Cristo, em 1985, foi proibido de usar o próprio nome, acusado de ofender símbolo religioso. Virou “ex-Suvaco do Cristo” no papel e seguiu Suvaco do Cristo na boca do povo, que é onde essas coisas se decidem. No mesmo ano estreou o *Simpatia É Quase Amor*, fundado por gente das Diretas Já, muita dela vinda da Fladiretas.

Nenhum deles pediu licença. Nenhum deles tinha patrocinador.

A prefeitura calcula que o car-

Muitos dos grandes blocos de hoje são empresas. Têm CNPJ, planilha, meta, patrocinador. Não vou fingir escândalo: vivemos no capitalismo, e essa cadeia sustenta gente

naval de 2026 movimentou 5,9 bilhões de reais na economia da cidade e rendeu 240 milhões em ISS. E em 2027 a rua começa a brincar já em 16 de janeiro, um mês antes do carnaval. Ninguém antecipa a data de uma coisa espontânea.

Muitos dos grandes blocos de

hoje são empresas. Têm CNPJ, planilha, meta, patrocinador. Não vou fingir escândalo: vivemos no capitalismo, e essa cadeia sustenta gente, principalmente músicos, que passaram boa parte da vida tocando de graça. É legítimo. O problema não é esse.

O problema é que a mercantilização não anda de braços dados com a espontaneidade e a caoticidade criativa do povo carioca quando o assunto é carnaval.

Observo a festa desde 1982 e trabalho nele como jornalista desde 1990. Já vi esse filme com as escolas de samba. Quando a festa vira produto, a criação vira briefing. Onde há patrocínio, há contrato. Onde há contrato, há cláusula. E ninguém nunca produziu uma festa verdadeira na sua essência lendo ou cumprindo cláusula.

A prova estará na mesma rua. Ao lado dos autorizados, sairão dezenas de blocos sem carimbo nenhum, ilegais, de bateria improvisada e fantasia feita em casa. E é ali, quase sempre, que o carnaval acontece.

Digo isso com tristeza, não com desesperança. O Chave de Ouro e o *Simpatia* nasceram do nada, por pura vontade de brincar. O povo daqui tem a mania de reinventar a festa quando ela começa a ficar sem graça. Vai acontecer de novo. Não sei em que formato nem quando. Mas vai.

Como bom folião que sou, confio. A criatividade do carioca é a única coisa por aqui que nunca precisou de autorização.